

Para a unificação dos valores do Perfeito e do Mais-que-Perfeito em Português

Maria Henriqueta Costa CAMPOS †
(Universidade Nova de Lisboa)

Olhando para trás, dou-me conta de que, desde o início dos meus estudos em Letras, a presença da Maria Emília Marques se revelou importante em muitos dos pontos decisivos do percurso que segui. Assistente do Professor Joseph Piel no ano em que fiz a cadeira de Linguística Românica, propôs nas suas práticas uma abordagem inovadora na análise comparativa de estruturas linguísticas de textos em diferentes línguas. Embora numa perspectiva teórica distante da que viria, anos mais tarde, a estabilizar a minha docência e investigação na Universidade, a tese de licenciatura que elaborei sob a orientação da Maria Emília consolidou a escolha da Linguística como o meu principal domínio de interesse, num Curso em que a maioria dos licenciados optava pelos estudos literários e sentia a Linguística como uma penitência. Com a minha entrada na Universidade Nova de Lisboa, em Outubro de 1976, integrei uma equipa que a Maria Emília dirigiu durante alguns anos. E finalmente, mas não de menor relevância, foi a Maria Emília quem, constatando a minha insatisfação perante a ausência de respostas às dúvidas teórico-descritivas que se me apresentavam no trabalho quotidiano, sugeriu que frequentasse os seminários de Antoine Culioli em Paris e me animou a trabalhar com ele. Estou-lhe, por tudo isto, grata. O texto que a seguir apresento é a minha homenagem ao espírito não conformista da Maria Emília.

Na comunicação que apresentou em Zurique, em 1992, ao XX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas, Thibault considera que o sistema verbal do português se distingue do das restantes línguas românicas por «une série de caractéristiques archaisantes très marquées»: permanência de uma forma de conjuntivo futuro, de uma forma sintética de mais-que-perfeito, de uma forma de futuro simples que permite a inserção do pronome clítico, a elevada frequência de uso da forma simples do passado e ainda o emprego dessa forma simples «avec une double valeur de prétérit et de parfait» (Thibault 1993, 407). Nesta breve apresentação pretendo sublinhar a singularidade do funcionamento aspectual da forma simples do pretérito perfeito, funcionamento raramente ou incompletamente referido na grande maioria das descrições do português, e mostrar que as formas simples e composta do mais-que-perfeito também podem assumir aquela oposição aspectual.

Em Campos 2000 e 2002, entre outros, são descritos os valores do pretérito perfeito simples, forma única a assumir os valores 'aoristo' e 'perfeito' que, nas outras línguas românicas, estão associados preferencialmente à forma simples e à forma composta, respectivamente.^{1, 2}

O pretérito perfeito simples tem valor aoristo quando o acontecimento é representado em ruptura com o tempo da enunciação, não estando localizado aspectualmente em relação a um tempo que lhe seja exterior. Se a situação representada é de natureza télica, o pretérito perfeito simples marca a validação da passagem de um "telos" nocional inerente e o valor aspectual é perfectivo: «*Naquela tarde, à hora em que o céu se mostrava mais duro e mais sinistro, Vicente abriu as asas e partiu*» (Torga [1940]1970b, 127). Neste exemplo, o adverbial inclusivo «*Naquela tarde*» é representável por um intervalo de tempo ao qual pertencem os tempos marcados pelo pretérito perfeito simples.

Se a situação representada é de natureza atética, o pretérito perfeito simples marca um valor terminativo pela construção de um "telos" enunciativo: «*Horas e horas a Arca navegou assim, carregada de incertezas e terror*» (Torga *ibidem*, 131).³

O pretérito perfeito simples tem valor perfeito quando o acontecimento construído tem relevância que se prolonga até um ponto localizador, o tempo da enunciação: «*Foi a sua pura insubmissão que o levou...*» (Torga *ibidem*, 130) (no tempo da enunciação em que Noé se dirige a Deus, Vicente não está na Arca, levado pela sua insubmissão).

Se o valor aspectual for perfectivo, a relevância corresponde a um estado resultante: «*Assim o corvo escreveu o futuro da humanidade*» (o futuro da humanidade está escrito, graças ao corvo).⁴

Vejamos alguns exemplos nas outras línguas românicas:

Em italiano:

(1) *Zeno era originario dell’Africa, probabilmente della Mauritania dove è possibile che sia avvenuta la sua formazione, data l’influenza di modelli di scrittori africani nei testi che ha lasciato. A Verona fondò la prima chiesa...* (Giorgi 2002, 371)

Ambas as formas sublinhadas marcam valores aspectualmente perfectivos. Mas a forma composta «*ha lasciato*» ("passato prossimo") tem valor de perfeito: a situação expressa pelo verbo lexical («*lasciare*») é construída como validada no passado, tendo porém, marcada pela forma do presente do auxiliar, uma relevância que continua até um ponto localizador, neste caso o tempo da enunciação da narrativa. Em termos culiolianos, há fechamento e não-ruptura. Quanto à forma simples «*fondò*» ("passato remoto"), tem valor aoristo, pois marca a construção, como um todo fechado, de uma situação («*fondare*»), validada num tempo do passado e em ruptura com um tempo localizador que lhe seja exterior.⁵

O castelhano corrente apresenta a mesma oposição aspectual entre a forma simples e a composta:

(2) *Quando la escritora norteamericana Gertrude Stein le aconsejó en Paris que abandonara el periodismo, dijo: «Este es el mejor consejo que me han dado nunca: Estropea el estilo, los trucos estropean la forma de escribir...».* (Leguineche 2001, 112)

Tal como em italiano, também em castelhano as formas simples «*aconsejó*» e «*dijo*» têm valor de aoristo e a forma composta «*han dado*» tem valor de perfeito. A coocorrência com o adverbial «*nunca*» reforça a continuidade temporal da situação -«*han dado*» - até ao tempo da enunciação do escritor.

Em francês, teoricamente, a oposição aoristo/perfeito dá-se entre o "passé simple" e o "passé composé". No entanto, o passé composé assume com grande frequência o valor aoristo, sendo, neste caso, intersubstituíveis as duas formas. Será o contexto linguístico a seleccionar um ou outro dos valores. Vejamos um exemplo:

(3) *Samedi 17 juillet. Léo Ferré est mort, à 76 ans. Avec sa couronne de cheveux blancs, et sa voix trouée de larmes, on le croyait plus âgé, notre poète. [...] Il racontait en scène qu’un jour, l’appelant au téléphone, une voix lui a dit: «Allô, c’est la mort, j’aime beaucoup ce que vous faites...» Et Ferré répondit: «Moi aussi.»* (Giroud 1994, 246)

A forma composta «*est mort*» tem valor de perfeito. Há construção de um estado resultante, cuja relevância se prolonga até um ponto de referência, o tempo localizador, que é o tempo da enunciação/escrita daquela página do diário. A segunda forma composta do texto – «*a dit*» –

poderia ser substituída pela forma do "passé simple", com valor de aoristo. Articular-se-ia assim, também formalmente, com o valor aoristo da forma simples «*répondit*».

Em romeno encontra-se a mesma oposição de valores podendo, dialectalmente, ser associada de forma diferente aos tempos gramaticais em questão.⁶

O pretérito perfeito simples pode ser traduzido em romeno pela forma simples - "perfectul simplu" - ou pela forma composta - "perfectul compus". Segundo Ivanescu (1957:47), em romeno corrente a forma simples exprime a acção perfectiva pura, ao passo que a forma composta exprime a acção perfectiva com resultados no presente, isto é, a acção perfectiva resultativa: «*am racit*» (resfriei-me), «*am întinerit*» (rejuvenesci).⁷

A forma simples – que parece estar a tornar-se rara no romeno corrente, quer na língua falada, quer em alguns estilos de língua escrita – exprime a anterioridade imediata em relação ao presente. Distingue-se assim das formas simples e aproxima-se das formas compostas nas restantes línguas românicas (com excepção do português).

Outra das singularidades do sistema verbal do português é a existência de uma forma simples ou sintética («*chegara*») e de uma forma composta ou analítica («*tinha/havia chegado*») para o pretérito mais-que-perfeito. Tal como o pretérito perfeito simples, também estas formas podem ter valor aoristo ou valor perfeito. Quando coocorrem no mesmo texto, convergindo na construção da significação, geralmente a forma simples tem valor aoristo e a forma composta tem valor perfeito:

(4) *Tínhamos ido – o mestre Domingos ferreiro, o malhadeiro do Vale Fundo e eu – em busca de um porco, que o malhadeiro atalaiara na véspera.* (Conde de Ficalho 2002, 13)

O valor perfeito da forma composta constrói o plano adjacente onde se vai desenrolar a história, ao passo que a forma simples marca um acontecimento construído como um todo fechado, sem adjacência.

O mais-que-perfeito é definido, tradicionalmente, apenas no seu valor temporal: é marcador de um tempo anterior a um outro tempo, que é, por seu turno, anterior ao tempo de referência, tempo da enunciação/narração. Esse tempo anterior ao tempo de referência é expresso pelo pretérito perfeito simples (ex.5) ou pelo imperfeito (ex.6):

(5) *Chegara! Conseguira vencer! E todos sentiram na alma a paz da humilhação vingada.* (Torga [1940]1970b, 132)

(6) *Como um espectador impessoal, seguia a Arca que vinha subindo com a maré. Escolhera a liberdade, e aceitara desde esse momento todas as consequências da acção* (Torga ibidem, 133)

Em Torga, há um elevado predomínio da forma de mais-que-perfeito simples. Numa perspectiva de reconhecimento, a selecção do valor aspectual – aoristo ou perfeito – dependerá do semantismo do predicado verbal, sobretudo da sua natureza aspectual e/ou do contexto linguístico. No conto «*Vicente*», há uma única forma composta – «*eram já decorridos*» – que é substituível pela forma composta do mais-que-perfeito – «*tinham já decorrido*». O valor de perfeito está associado à natureza estativa do intervalo adjacente ao fechamento e ruptura marcados pela forma simples «*dera entrada na Arca*». Esse valor de perfeito é reforçado pela coocorrência com a forma «*já*», incompatível com valores de aoristo:

(7) *Quarenta dias eram já decorridos desde que, integrado na leva dos escolhidos, dera entrada na Arca* (Torga ibidem,127)

O uso da forma simples está praticamente reduzido à língua escrita e à norma culta, sobretudo literária. A selecção do valor aspectual da forma composta será semelhante ao que acima foi referido para a forma simples em Torga.

Nas restantes línguas românicas apenas subsiste uma das formas de mais-que-perfeito: a forma composta em italiano, castelhano e francês, a forma simples em romeno.

Exemplo em italiano corrente:

(8) *Con grande impegno Zeno affrontò i problemi dati dalla persistenza del paganesimo e soprattutto dell'eresia ariana, che aveva provocato disordini nella chiesa de Verona (...)* (Georgi 2002, 371)

Em castelhano, existiu uma forma simples com valor temporal, que sofreu um processo evolutivo de "subjuntivización". Passou a ter valor exclusivamente modal, que corresponde hoje ao valor do imperfeito do conjuntivo português⁸. Em castelhano contemporâneo corrente, é a forma composta que traduz as formas simples e composta do mais-que-perfeito português:

(9) *É certo que a deixara primeiro adormecer, e só então, brandamente, deslisara dos seus braços para o tapete* (Torga [1940]1970a, 28)

(9) *También era verdad que había esperado a que se quedara dormida y que, sólo entonces, suavemente, había osado deslizarse de sus brazos a la alfombra* (Torga 1998, 33)

(10) *É claro que os mimos de D.Sância lhe haviam deformado o gosto...* (Torga [1940]1970a, 28)

(10') *No podía negar que los mimos de doña Sância le habían refinado el paladar.* (Torga 1998, 34)

(11) *Os mimos de D.Sância tinham-no desgraçado.* (Torga [1940]1970a, 30)

(11') *Los mimos de doña Sância le habían hecho un desgraciado.* (Torga 1998, 35)

Em (11'), para tornar inequívoca a interpretação resultativa do valor de perfeito, o tradutor opta por uma construção resultativa diferente da do original.

Em francês, também as formas simples e composta do mais-que-perfeito português são traduzidas pela forma composta, única disponível:

(12) *Quarenta dias, porém, a carne fraca o prendeu ali. Nem mesmo ele poderia dizer como descera do Líbano para o cais de embarque e, depois, na Arca, por tanto tempo recebera das mãos servis de Noé a ração quotidiana. Mas pudera vencer-se. Conseguira, enfim, superar o instinto da própria conservação, e abrir as asas de encontro à imensidão terrível do mar* (Torga, [1940]1970b, 128)

(12') *Quarante jours, pourtant, la faiblesse de la chair le retint sur place. Comment il était venu du Liban jusqu'au lieu où l'on embarquait, et comment, une fois dans l'Arche et pendant tout ce temps, il avait accepté de recevoir des mains serviles de Noé sa ration quotidienne, il n'aurait su le dire. Mais il avait fini par se dominer. Il était parvenu, enfin, à dépasser l'instinct de conservation, et à ouvrir ses ailes, face à l'immensité terrible des flots.* (Torga 2000, 124)

Em (12), as duas primeiras ocorrências da forma simples – «descera» e «recebera» – são pontos numa sucessão de valores aoristos. E na tradução francesa, em (12'), é a forma composta que exprime aquele valor. As duas últimas ocorrências da forma simples, porém, têm valor perfeito, interpretação que é reforçada pela sequência da história e também, em «consequira», pela coocorrência com a forma «enfim». Em (12'), o tradutor tem a preocupação de tornar claro o valor perfeito de «pudera vencer-se». Fugindo a uma tradução literal, propõe uma forma lexical diferente: «Il avait fini par se dominer».

Vejam os um último exemplo da tradução francesa:

(13) *A significação da vida ligara-se indissoluvelmente ao acto de insubordinação.* (Torga, [1940]1970b, 134)

(13') *Le sens de la vie était indissolublement lié à l'acte d'insubordination.* (Torga 2000, 130)

Em (13), a construção «*ligara-se indissoluvelmente*» prepara o plano em que se dará o desfecho da aventura da Arca. Tem valor perfeito. E esse valor é reforçado, em (13'), pelo estado resultante «*était indissolublement lié*». Mais uma vez, o tradutor procura eliminar qualquer ambiguidade que poderia ocorrer pela existência de uma única forma para transmitir os dois valores.

O romeno, como atrás referi, apenas dispõe de uma forma simples de mais-que-perfeito (“mai mult ca perfectul”), embora se encontre uma forma composta nos falares moldavos.

Conclusão

Neste estudo, necessariamente breve, escolhi fazer uma abordagem textual, que permite uma discussão não trivial dos valores do pretérito perfeito simples e do pretérito mais-que-perfeito em português. Pude, em alguns casos, comparar o português com as outras línguas românicas na sua variedade corrente.

Espero ter conseguido mostrar a importância de uma análise fina das questões aspectuais na construção da significação.

Notas

¹ Opto pelo termo 'aoristo' por permitir uma descrição teórica mais abrangente (ver Benveniste 1966).

² Ao contrário do que se passa nas outras línguas românicas, o tempo gramatical do português 'pretérito perfeito composto' não entra em competição com o 'pretérito perfeito simples', uma vez que, em português contemporâneo, estas formas têm valores temporais e aspectuais intrínsecos inequivocamente distintos (ver, entre outros, Campos 1997 e 2002). Porém, em textos de épocas anteriores encontram-se ocorrências da forma composta com o valor da forma simples: «*Como tem fugido dous mil officiaes de Mafra donde trabalham 15.000...*» (Lisboa & alii 2002, 54).

³ Para alguns autores o pretérito perfeito simples é sempre marcador de valor perfectivo. Preferimos reservar esta designação para os casos em que a situação é de natureza télica e em que haja, portanto, construção de um estado resultante. Poderíamos falar, neste caso, de perfectivo resultativo (Campos 2002).

⁴ Culioli (1980, 187) sintetiza assim os valores que aqui designo por perfeito e aoristo: «Dans le cas du parfait grec (le parakeimenos, l'adjacent des grammairiens grecs) [...] on a donc une double propriété: fermeture, non-rupture. [...] l'intervalle à droite du fermé est ouvert et adjacent. C'est cet intervalle ouvert que l'on appelle *état résultant*». O intervalo fechado está neste caso no mesmo plano que o plano enunciativo, ao passo que o valor aoristo é representado por um intervalo fechado situado num plano em ruptura com o plano enunciativo.

⁵ O emprego do "passato prossimo" e do "passato remoto" pode variar em diferentes regiões de Itália.

⁶ Não tendo competência linguística em língua romena, baseei-me em dados que me foram fornecidos por Oana-Raluca Ureche-Csiszer, actualmente a elaborar um estudo comparativo dos valores temporais e aspectuais do pretérito perfeito e do mais-que-perfeito em português, francês e romeno. Este estudo constitui a sua dissertação de mestrado em Linguística na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

⁷ Ivanescu, G. 1957 - Le temps, l'aspect et la durée de l'action dans les langues indo-européennes in *Mélanges Linguistiques publiés à l'occasion du VIII^e Congrès International des linguistes à Oslo*, Bucarest, Éditions de l'Académie de la République Populaire Roumaine, 23-61.

⁸ Si bien no ha sido un fenómeno enteramente exclusivo del castellano: los usos propiamente subjuntivos de *cantara* son igualmente normales en el moderno gallego y no desconocidos en portugués (Veiga 1996, 7, n.1).

Referências Bibliográficas

1. Fontes

- CONDE DE FICALHO 2002 - A caçada do malhadeiro in *Ficções, Revista de contos n.º6*, Lisboa, Tinta Permanente, 11-22.
- GIORGI, R. 2002 - *Santi. I Dizionari dell'Arte*, Milano, Electa.
- GIROUD, F. 1994 - *Journal d'une parisienne*, Paris, Seuil.
- LEGUINECHE, M. 2001 - Hemingway, corresponsal de guerra in C.G.REIGOSA et alii 2001 - *Hemingway desde España*, Madrid, Visor Libros, 109-123.
- LISBOA, J.L. et alii 2002 - *Gazetas manuscritas da Biblioteca Pública de Évora. Vol.1 (1729-1731)*, Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora, Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, Edições Colibri.
- TORGA, M. [1940]1970a - Mago in *Bichos*, Coimbra, 27-37 (7ª edição revista).
- TORGA, M. [1940]1970b - Vicente in *Bichos*, Coimbra, 127-134 (7ª edição revista).
- TORGA, M. 1998 - Mago in *Bichos*, Madrid, Ediciones Santillana, 33-42 (tradução para o castelhano de Eloisa Álvarez).
- TORGA, M. 2000 - Vicente in *Arche*, Paris, José Corti, coll. Ibériques, 123-130 (tradução para o francês de Claire Cayron).

2. Estudos

- BENVENISTE, E. 1966 - Les relations de temps dans le verbe français in *Problèmes de linguistique générale* 1, Paris, Gallimard, 237-250.
- CAMPOS, M.H.C. 1997 - *Tempo, aspecto e modalidade. Estudos de linguística portuguesa*. Porto, Porto Editora.
- CAMPOS, M.H.C. 2000 - Sur les formes composées du prétérit en Portugais in *Actes du XXII^e Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*, Tübingen, Max Niemeyer, 57-63.
- CAMPOS, M.H.C. 2002 - Questões aspectuais: algumas especificidades do português in S.Grosse/A.Schomberger (eds.) *Ex oriente lux*, Franckfurt am Main, Valentia, 73-88.
- CULIOLI, A. 1980 - Valeurs aspectuelles et opérations énonciatives: l'aoristique in J.David et R.Martin (eds.) *La notion d'aspect*, Paris, Klincksieck, 181-193.
- THIBAUT, A. 1993 - Formes synthétiques et analytiques de *praeteritum* dans la Romania in *Actes du XX Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes*, tome 3, Tübingen, A. Francke Verlag, 397-410.
- VEIGA, A. 1996 - *La forma verbal española cantara en su diacronía*, Universidade de Santiago de Compostela.